



MOVIMENTOS SOCIAIS E NEGRITUDE NO BRASIL

José Geraldo da Rocha¹

Resumo: A negação de valores e identidade negra tem forjado no Brasil uma invisibilidade do negro. Ele existe, mas é como que se não existisse. A partir disto, a história o tem negado sistematicamente enquanto povo possuidor de valores, culturas, identidade, dignidade e cidadania. Esta realidade acabou funcionando como elemento motivador para estudiosos e historiadores na descoberta da necessidade de recontar e reescrever a História do Brasil. Desta vez não mais na perspectiva dos vencedores, mas a partir da visão dos vencidos, ou seja desde o lugar da comunidade negra. O presente texto tem dois objetivos fundamentais: contextualizar as lutas específicas da comunidade negra num contexto maior, o do movimento social. Num primeiro momento esta comunidade se organiza e atua enquanto empobrecidos de um modo geral, ainda desprovida de consciência de negritude e na luta social toma consciência da especificidade da negritude e se organiza enquanto movimento negro e oferece uma singular contribuição para se repensar a dignidade e a cidadania para todos no país tornando o combate ao racismo a sua principal bandeira de luta.

Palavras-Chave: Movimento Negro. Movimento Social. Negritude.

SOCIAL MOVEMENTS AND BLACKNESS IN BRAZIL

Abstract: The denial of values and identity for blacks in Brazil has forged an invisibility of black people. The black people exist, but as if they did not exist. Thus, history has systematically denied they while possessors of values, culture, identity, dignity and citizenship. This reality worked as motivator for scholars and historians in the discovery of the need to retell and rewrite the history of Brazil. At this time, not from the perspective of the winners, but from the perspective of the losers, namely, from the place of the black community. This text aims to contextualize the specific struggles of the black community in a larger context, the social movement. In a first moment this community organizes itself and operates while impoverished in general and devoid of consciousness of blackness and social struggle. However, they become aware of the specificity of blackness and organized while black movement and contribute to rethinking the dignity and citizenship for everyone in the country, making the fight against racism their main flag of struggle.

Key-works: Black Movement. Social Movement. Blackness.

MOUVEMENTS SOCIAUX ET NÉGRITUDE AU BRÉSIL

Résumé: La négation des valeurs et de l'identité noire ont forgé au Brésil une invisibilité de noir. Il existe, mais c'est comme si il n'existât pas. De là, l'histoire l'a nié systématiquement pendant que possédé des valeurs, des cultures, d'identité, de dignité et de citoyenneté. Cette réalité a fini en fonctionnant comme élément motivateur pour les chercheurs et les historiens

¹ Dr. Em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Prof. Adjunto Doutor e Coordenador Adjunto do Programa de Pós Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio. Bolsista de Produtividade 1 A UNIGRANRIO/ FUNADESP. Líder do Grupo de Pesquisa Relações Raciais e Desigualdades Sociais no CNPq.



en découvert de la nécessité de raconter et de réécrire l'histoire du Brésil. Cette fois, pas du point de vue des vainqueurs, mais du point de vue des vaincus, en autres termes, à parti du lien de la communauté noire. Ce texte vise à contextualiser les luttes spécifiques de la communauté noire dans un contexte plus large, le mouvement social. Initialement, cette communauté se organise et fonctionne comme appauvrie en général, encore dépourvu de conscience de la conscience de négritude et de la lutte sociale se rend compte de la spécificité de la négritude et se organise alors que le mouvement noir et offre une contribution unique à se repenser la dignité et de la citoyenneté pour tout le monde dans le pays faisant de la lutte contre le racisme sa principale drapeau de bataille.

Mots-clés: Mouvement Noir. Mouvement social. Négritude.

MOVIMIENTOS SOCIALES Y NEGRITUD EN BRASIL

Resumen: La negación de valores e identidad negra construyó una invisibilidad del negro. Él existe, pero es como si no existiera. A partir de esto, la historia lo ha negado sistemáticamente como poseedor de valores, culturas, identidad, dignidad y ciudadanía. Esta realidad ha funcionado como elemento motivador para estudiosos e historiadores en la descubierta de la necesidad de y reescribir la Historia de Brasil. Así no más en la perspectiva de los vencedores, más a partir de la visión de los vencidos, o sea desde el lugar de la comunidad negra. El presente texto objetiva contextualizar las luchas específicas de la comunidad negra en un contexto mayor, lo del movimiento social. En un primer momento esta comunidad se organiza y actúa mientras empobrecidos de una manera general, aún desproveída de la consciencia de la negritud y en la lucha social toma consciencia de la especificidad de la negritud y se organiza mientras movimiento negro y ofrece una singular contribución para repensar la dignidad y la ciudadanía para todo el país, así el combate al racismo de vuelve su principal bandera de lucha.

Palabras-Clave: Movimiento Negro. Movimiento Social. Negritud.

MOVIMENTOS SOCIAIS E NEGRITUDE NO BRASIL

O processo de construção da cidadania no Brasil esteve intimamente ligado à capacidade de lutas e organização dos marginalizados e relegados dos sistemas políticos e econômicos. Desde o período da colonização, os direitos civis e humanos foram negados a uma enorme parcela da população brasileira.

O regime escravocrata fez com que negros e indígenas se organizassem a sua maneira durante séculos de história para garantir a sobrevivência. Quando evocamos a história do Brasil nos damos conta das diversificadas formas de lutas de resistência destes dois povos ao longo da história. Certamente não poderíamos deixar de citar a Revolta dos Malês, a Balaiada, Canudos, o Banzo, as revoltas nos engenhos de cana-



de-açúcar, os Quilombos - a maior forma de resistência organizada dos negros de que se tem notícias na história, os Candomblés, as Confrarias, as Irmandades, etc.

O país passou de reino a império, daí à república, entretanto continuou a negação de direitos à cidadania à grande maioria da população. Neste contexto de mudanças, a comunidade negra passa das senzalas às favelas.

A tradição de reprimir os anseios de liberdade e cidadania vem de longe na nossa história. Nem por isso, os grupos desfavorecidos sucumbiram-se ao cruel destino a que lhes foram impostos. Os chicotes dos senhores de engenhos, os calabouços, o ferro em brasa, as prisões, as chibatadas, a ditadura, as torturas, os exílios e o martírio, não foram suficientes para extinguir no povo brasileiro a determinação de lutar para viver numa pátria com dignidade e respeito.

De acordo com o regime político em vigor, poderemos perceber uma maior ou menor expressão das lutas organizadas na perspectiva de construção da dignidade e cidadania. Sem ignorar as lutas ocorridas ao longo da história, o nosso trabalho deseja abordar apenas um pequeno período compreendido entre a década de 70 e os anos 90.

Temáticas específicas como a do negro tem ocupado significativo espaço no contexto das lutas sociais no Brasil nos últimos anos. A crescente desigualdade social fez com que a sociologia buscasse explicação das razões pelas quais os negros são tão desfavorecidos, vindo a ocupar os piores empregos, receber os menores salários, amargarem um enorme índice de analfabetismo serem as maiores vítimas da violência policial, a maior população carcerária e comporem a grande massa de desempregados e excluídos do sistema.

O processo de branqueamento tem servido para camuflar uma problemática racial bem como as suas consequências na vida da comunidade negra. O negro passa, não apenas a assimilar e a identificar-se com os padrões da cultura branca, se não que negar os seus próprios valores enquanto negro. Desta negação de valores e identidade forja-se na sociedade uma invisibilidade do negro. Ele existe, mas é como que se não existisse. A partir disto, a história o tem negado sistematicamente enquanto povo possuidor de valores, culturas, identidade, dignidade e cidadania. Esta realidade acabou funcionando como elemento motivador para estudiosos e historiadores na descoberta da necessidade de recontar e reescrever a História do Brasil. Desta vez não mais na perspectiva dos vencedores, mas a partir da visão dos vencidos, ou seja, desde o lugar da comunidade negra.



O presente texto tem dois objetivos fundamentais: primeiro, contextualizar as lutas específicas da comunidade negra num contexto maior, o do movimento social. Para isto, buscaremos explicitar a situação de carência da comunidade negra vivendo num contexto onde são forjadas as lutas sociais. Num primeiro momento esta comunidade se organiza e atua enquanto empobrecidos de um modo geral, ainda desprovida de consciência de negritude. O segundo objetivo é extrair dentre as diversas formas de organizações sociais que envolvem a comunidade negra aquilo que entendemos como constitutivo do movimento negro.

1. MOVIMENTOS SOCIAIS

Presenciamos no Brasil o surgimento e o ressurgimento de um grande número de movimentos sociais a partir da década de setenta. “Foram movimentos de classes: sindicais, urbanos e rurais; movimentos com caráter de classe a partir das camadas populares em nível do local de moradia, lutando por bens de consumo, nos setores de infraestrutura urbana, saúde, educação, transporte, etc., e movimentos sociais com problemáticas específicas... feministas, ecológicos, negros, homossexuais e pacifistas. Segundo Lesbaupin foi também nesta década que as ciências sociais se voltaram para estes movimentos no Brasil, fazendo destes, centro de investigações entre alguns cientistas sociais. Um precedente importante foi a efervescência social dos anos 60, sobretudo, na Europa e Estados Unidos com as lutas pelos direitos civis e revolta dos guetos negros.

À incidência maior da organização dos movimentos sociais, a década de 70 está ligada a fatores de ordem política no país. Por um lado, o regime autoritário se organizou politicamente no meio urbano favorecendo aos grandes grupos imobiliários e da construção civil, desencadeando a especulação imobiliária; por outro, no campo, acontecia a expulsão dos pequenos proprietários das suas terras, transformando o país nos grandes latifúndios. As consequências desta política agrária não poderiam ser outras que não o esvaziamento do campo e o inchamento das cidades. Um outro fator preponderante foi o fim do governo repressivo, que possibilitou a expressão dos setores populares. Conseqüentemente, inúmeras lutas reivindicativas se organizam, visando suprir as carências não atendidas pelo poder político. Moradores se organizam para reivindicar água, esgoto, ruas, asfalto, iluminação, saúde, escolas, moradia.



Surgem ainda organizações com o movimento dos sem terra, de mulheres, de negros, indígenas, pescadores, boias frias, lutas pelos direitos humanos etc. Não podemos deixar de recordar o movimento de caráter religioso como as Comunidades Eclesiais de Base, que desempenharam importante papel nas lutas sociais neste período. Nos anos 80, os movimentos sociais, principalmente o operário e sindical, são profundamente atingidos pela crise econômica do país, acompanhada pela recessão. Estes, mesmo intensificando as greves, nada conseguiram negociar. Esta crise,

traz à tona um clima de perplexidade onde as manifestações da ação direta e a incapacidade do Estado de dar respostas rápidas às demandas dos setores mais deserdados e afetados pela recessão, tornam manifesta a insignificância das medidas tomadas. As situações de possíveis explosões social provocam um clima de inquietação nas metrópoles (JACOBI, 1987, p. 12).

Neste clima de inquietação aconteceram as invasões coletivas de terra, saques, depredações de ônibus e trens como forma de reação dos setores mais desfavorecidos e afetados nas suas condições de vida.

É também nos anos 80 que se dá o surgimento da Central Única dos Trabalhadores, propondo e defendendo um sindicalismo combativo, opondo-se à exploração do trabalhador e representando os interesses destes, nas negociações com a classe patronal.

No final da década de 80 e início dos anos 90 percebemos um “esvaziamento” em muitos setores dos movimentos sociais. Este esvaziamento está condicionado a uma série de fatores, entre eles, uma certa decepção com setores políticos inicialmente identificados com as aspirações dos movimentos sociais que, chegando ao poder, não conseguiram concretizar propostas de melhoria de vida das camadas populares de modo substancial.

Encontramos ainda a cooptação de lideranças dos movimentos por setores e partidos políticos, estabelecendo uma confusão entre ser movimento ou governo; resultando uma enorme desarticulação no interior do movimento. A crise interna no interior da Igreja Católica progressista, gerada pelo confronto com a ala conservadora, acabou retirando em muito o apoio aos movimentos sociais.

1.1 Definições e características dos movimentos sociais

Diante da diversidade de organizações sociais, talvez seja importante trabalhar com algumas definições mais correntes quanto à compreensão do movimento social.



Alguns autores chamam de movimento social toda ação coletiva - o que implica a passagem da imobilidade ou passividade à mobilização em que um grupo social ou uma aliança de grupos sociais busca, através de atividades de massa, conseguir um objetivo na organização social, seja defender uma situação ameaçada, seja obter algum bem coletivo. Neste tipo de organização não demandamos uma organização formal, nem um projeto global de sociedade.

Segundo Harmut Kärner “os movimentos sociais são entendidos como um processo coletivo e comunicativo de protesto, conduzido por indivíduos, contra relações sociais existentes e que afetam um grande número de pessoas”. Outra definição de movimento social importante é a defendida por Ilse Sherer Warren no seu artigo “o caráter dos Novos Movimentos Sociais, onde a autora afirma: “Defino movimentos sociais como uma ação grupal para transformação voltada para realização dos mesmos objetivos, sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns e sob uma organização diretiva mais ou menos definida”. Rafael de La Cruz define movimentos sociais como respostas de auto - organização...” diante de um modelo social fragmentário, sobretudo no período de 1945 a 1960.

Em nível de definições de movimentos sociais, uma contribuição importante encontra-se no artigo de Daniel Camacho.

Movimentos Sociais: algumas discussões conceituais - Este autor propõe estabelecer a diferença entre movimento social e movimento popular, o que o distingue entre tantos que abordam esta temática. Ele considera movimentos sociais como sendo “uma dinâmica gerada pela sociedade civil, que se orienta para a defesa de interesses específicos. Sua ação se dirige para o questionamento, seja de modo fragmentário ou absoluto, das estruturas de dominação prevalentes, e sua vontade implícita é transformar parcial ou totalmente as condições de crescimento social (CAMACHO, 1987, p. 216).

Duas novidades aparecem na compreensão de Camacho a cerca de movimentos sociais: a primeira, a não necessidade de organização para se constituir em movimento social. “Os movimentos sociais não têm que ser necessariamente organizados... não se deve perder de vista a existência de movimentos sem organização”. A segunda novidade é uma dupla face dos movimentos sociais onde por um lado encontramos aqueles “que representam os interesses do povo - e por outro - os que reúnem setores dominantes do regime capitalista, os quais não têm interesse em questionar de modo absoluto, nem em transformar totalmente as estruturas de dominação”.



A partir desta análise, Camacho diferencia movimento social de movimento popular, compreendendo este último com sendo um setor do primeiro, que expressa os interesses dos grupos populares. A constituição do movimento popular se dá “quando os movimentos sociais populares convergem dinamicamente as suas lutas pela transformação do Estado, e pelos termos da ordem social, tratando de destruir o sistema de dominação e exploração”.

Muitos autores abordam os movimentos sociais partindo do pressuposto de que eles são movimentos urbanos, entretanto, “não se pode restringir a análise dos movimentos sociais apenas àqueles que apresentam uma base nitidamente popular urbana, na medida em que os problemas... afetam não só a população mais pauperizada, mas também outros grupos sociais”. É exatamente na novidade apresentada por estes grupos sociais nas suas formas de lutas específicas, como negro, mulher, homossexuais etc., que constitui uma nova face do movimento social, proporcionando a formação de uma identidade sociocultural e uma nova cultura política. As questões como identidade, racismo, tradição cultural, machismo e sexismo e outras... fazem arte deste universo de luta destes movimentos sociais.

Podemos perceber que, em síntese, a partir das definições propostas podemos destacar a ação coletiva, objetivos comuns, transformação de situações adversas, com elementos fundamentais na constituição dos movimentos sociais.

A buscarmos a caracterização dos movimentos sociais, é importante destacar que estes estão estreitamente vinculados aos mais diversos contextos sócio-políticos. O que vale dizer, em cada contexto, e que em cada época podemos perceber a ação maior ou menor dos grupos sociais, buscando aquilo que lhes garantem viver com maior dignidade.

Segundo os sociólogos e estudiosos dos movimentos sociais, muitos são os elementos que encontramos ao caracterizarmos estes movimentos. Lesbaupin aponta como elementos caracterizadores de qualquer movimento social base social - grupo ou grupos que se mobilizam; identidade - consciência comum dos membros; adversário - indivíduo, grupo ou instituição contra os quais o movimento se desenvolve; objetivo - aquilo que busca alcançar; interesse - base material a partir da qual se mobilizam; organização - forma de organização existente entre os membros do movimento; e o poder do movimento versus o poder do adversário. Munari apresenta como sendo característico dos movimentos sociais “não ter continuidade; ser conjunturais; muitas



vezes se identificar com uma pessoa; não se institucionalizar e não ter um projeto político global definido”. Na mesma direção do “não projeto global definido” apontado por Munari, encontramos Hartmut Kärner caracterizando o movimento social como “voltado normalmente a problemas particulares imediatos e localizados que afligem diretamente seus participantes”.

No contexto de caracterização dos movimentos sociais, devemos destacar que nos últimos anos estes movimentos tiveram avanços significativos no que diz respeito às especificidades de questões ou problemáticas abordadas. Não mais apenas as questões objetivas como moradia, terra, violência, saúde, escolas etc, ganharam importância nas lutas sociais, como novas questões surgiram ocupando a agenda de muitos setores sociais. Desta feita, questões subjetivas como identidade, valores culturais, valores religiosos, lutas étnico-raciais, questões de gênero e outros tipos de discriminações passaram a ser desenvolvidas na perspectiva da construção da dignidade e cidadania nos movimentos sociais.

Uma outra característica que podemos destacar é a concentração dos movimentos sociais nas periferias das grandes cidades, onde encontramos todos os tipos de problemas que afligem a vida das camadas sociais mais desfavorecidas. Isto, no entanto, não significa que os movimentos sociais sejam movimentos exclusivamente urbanos, nem que as problemáticas abordadas estejam restritas às populações das cidades. A título de exemplificação, as problemáticas do racismo e da opressão da mulher, embora as maiores organizações estejam nas cidades, atingem negros e mulheres da área rural tão fortemente quanto os das cidades.

1.2 Enegrecimento dos movimentos sociais

A presença e atuação da comunidade negra no desenvolvimento das lutas sociais não passa, num primeiro momento, pela consciência de negritude. A cidadania está diretamente associada com as melhorias objetivas, como água, creche, asfalto, saúde, escolas etc, para a comunidade de um modo geral. Esta comunidade, com carências, a ser atendida é de pobres. O fato dos pobres serem maioria negros, ainda não se constituiu num problema para os participantes destas lutas sociais. Podemos perceber que desde as associações de moradores nas periferias das grandes cidades até às organizações dos trabalhadores nos seus sindicatos, a presença dos negros é



profundamente marcante. As questões que nestas lutas são reivindicadas - moradia, saneamento básico, educação, saúde pública, salário digno, direitos trabalhistas etc, são fundamentais para a vida de todos os empobrecidos e nisto também os negros são contemplados. Estas modalidades de lutas sociais nos permitem afirmar que todas as conquistas que são boas para os pobres, também o são para a comunidade negra. Entretanto, parece-nos evidente, que existe algo mais, que estas lutas ainda não dão conta. Parece existir questões anteriores à pobreza, que podem ser circunstanciais - hoje sou pobre amanhã não -, que colocam os negros em perene desvantagem. Não está na natureza do pobre ser pobre, mas está na natureza do negro ser negro, mesmo que ele, vítima do branqueamento, se julgue branco. Esta compreensão daquilo que é circunstancial e do que é próprio da natureza, certamente nos fará entender porque negros e brancos pobres, em mesmas condições, no mercado de trabalho, o branco é absolvido e o negro não. Ou ainda negros e brancos, em situações semelhantes, nas fábricas e indústrias, o salário do negro é inferior ao do branco. Sem considerarmos que negro e branco, juntos, nas imediações de qualquer crime ou delito, para o policial, o negro é o suspeito.

Portanto a luta dos negros enquanto pobres tem a sua validade. É um passo fundamental no seu processo de construção da cidadania. Necessário se faz um passo seguinte, o da negritude, sob o risco da sua dignidade enquanto ser humano negro ficar mutilada no processo.

É este elemento da especificidade negra que requer novos espaços de organização e fortalecimento nas lutas sociais. A consciência de que ser pobre é apenas mais um complicador social na vida da comunidade negra, remete automaticamente os membros destas comunidades a buscarem novos caminhos que possibilitem elevar a comunidade negra, como um todo ao ingresso na esfera do ser.

A situação da sociedade brasileira nas últimas décadas tem passado por complexos processos de transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas. Um dos fatores que influenciou decisivamente nestes processos foi a mudança do nível de consciência de grande parte dos grupos colocados à margem do processo de desenvolvimento. A América Latina como um todo se transformou num verdadeiro palco de construção de sonho dos empobrecidos. Os inúmeros grupos que nasceram, passaram a significar esperança de condições mais dignas de vida. Há que se destacar aqui a grande contribuição dos teólogos e da teologia latino-americana. No



bojo desta teologia, os empobrecidos foram adquirindo expressão nas lutas pelos seus direitos na condução do processo histórico. Os empobrecidos afinal começam a ter possibilidade de manifestar os seus rostos concretos.

Neste contexto de explicitação dos rostos concretos, desponta uma grande movimentação no Brasil, onde o povo negro vem marcar a sua presença nos movimentos sociais, dando a este uma face negra.

Com isto, as lutas dos empobrecidos passam a ganhar um elemento novo, o elemento étnico-racial, até então não considerado nos mais diversos setores, segmentos e grupos sociais que se empenhavam em construir uma vida mais digna para os despossuídos da história.

A face negra do movimento social traz à tona a questão do racismo, uma realidade que a muitos incomoda e que todo um sistema de organização sócio-político-cultural tentou dissimular por longos anos na história.

O drama vivido pelos afro-brasileiros, por motivo de discriminação e preconceito racial, e as consequências daí decorrentes nas condições de vida desta população, têm causado uma indignação social nas pessoas discriminadas e marginalizadas do processo histórico. As injustiças e as barbaridades cometidas contra os afro-brasileiros se tornaram tão agudas a ponto de funcionarem como elemento motivador automático do nascimento de formas organizadas de resistência ao sistema sócio-econômico-político e cultural imposto por uma elite branca dominante. Segundo Florestan Fernandes, vários movimentos brotam de forma espontânea, fazendo frente a um sistema racial injusto e que a partir da consciência que vão tomando, passam a criticar e repulsar o lugar relegado aos negros na sociedade.

O mesmo autor entende que a movimentação decorrente desta tomada de consciência leva o negro a “arrogar-se a solução de problemas ignorados ou descuidados pelas elites no poder chamando a si duas tarefas históricas: desencadear no Brasil a modernização do sistema de relações raciais e de provar, praticamente que os homens precisam identificar-se de forma íntegra e consciente, com os valores que encarnam a ordem legal escolhida.

A tese de Fernandes sobre o movimento negro é reforçada nos anos oitenta e noventa. Mais do que nunca estes anos foram marcados pela inserção das lutas do movimento negro no processo mais amplo dos movimentos sociais. Por outro lado, percebe-se neste mesmo período que o processo de modernização da sociedade



brasileira aumentou os dramas a serem vividos pelos empobrecidos e de um modo muito mais aguçado os afro-brasileiros - brasileiros. Problemas de toda a natureza explodem no meio da comunidade negra. Percebe-se um alto nível de desemprego, fruto de um processo discriminatório na seleção no mercado de trabalho, bem como os baixos salários recebidos pelos negros. Uma violência sem limites que arrasta a cada dia vidas e mais vidas nas periferias das grandes cidades. A miséria crescente e a fome batendo à porta de milhões de pessoas, e entre estas, sem sobra de dúvidas, maioria negra. Um processo educacional, onde automaticamente os afro-brasileiros são excluídos por razões econômicas. Enfim, uma gama de problemas que faz a necessidade de organização dos setores negros na sociedade brasileira visando criar formas dignas de vida.

A situação da comunidade negra no Brasil é preocupante. Os dados que dispomos sobre o racismo no Brasil são alarmantes se pensados em relação às leis existentes proibindo o racismo. Em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) em 1988, no Estado do Rio de Janeiro, sobre a discriminação racial no mercado de trabalho, detectou-se uma tendência de 89% da população brasileira admitir a existência do racismo; 32,7% da população já sofreram discriminação racial e destes, 57,9% não tomaram nenhuma atitude. Esta caótica situação expressa uma enfermidade sócio racial e tem levado o surgimento de inúmeras entidades negras no Brasil nos anos oitenta e noventa a buscar caminhos de transformação desta situação.

Segundo levantamento realizado pelo Projeto Negritude do Instituto de Estudos da Religião (ISER) estas organizações e entidades estão em locais diversificados tanto a nível de estado como de cidades, e têm como questão fundamental se articularam e direcionaram, política e ideologicamente, as práticas de combate ao racismo e denúncias de discriminação.

2. MOVIMENTO NEGRO

A década de 70 pode ser denominada de período áureo das lutas sociais. Ela foi marcada também pelo ressurgimento do movimento negro no contexto das lutas sociais no Brasil. “A primavera de maio do movimento negro brasileiro recente aconteceu dez anos depois da Praga e do maio de 1968 dos estudantes franceses.



Aconteceu precisamente em 1978 quando: o poeta negro Cuti publica Poemas de Carapinha, retomando o processo evolutivo da literatura de temática negra que Solano Trindade nos legou: em São Paulo, jovens escritores negros lançam o primeiro número de Cadernos Negros; e ainda em São Paulo, em 18 de junho, era criado o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial. A partir deste impulso do Movimento Negro Unificado, o movimento, que desde o fechamento da Frente Negra Brasileira, na década de 30 que estava extremamente fragilizado, desarticulado e impossibilitado de se reorganizar, vê aberta novas possibilidades de lutas. Aproveitou-se do fim do regime militar para poder organizar as suas reivindicações de caráter étnico-racial como elemento indispensável no processo de construção da democracia no país.

Em vista de uma melhor compreensão das lutas da comunidade negra, podemos analisá-las sob duas esferas: a esfera do “implícito” e a do “explícito”. Nossa afirmação encontra respaldo na análise feita por Hamilton B. Cardoso, onde ele afirma:

As conquistas das lutas antirracistas na sociedade brasileira durante os últimos vinte e cinco anos, nem sempre se inscreveram dentro do espaço definido como relativo aos movimentos negros - da forma como tradicionalmente têm sido definidos, ou seja as entidades, cujas ações estão voltadas explicitamente para ações de combate ao racismo. Na verdade elas têm sido múltiplas envolvendo aspectos culturais, políticos, sociais e econômicos. (CARDOSO, 1987, p. 103)

Muitos grupos e entidades têm desenvolvido ações, que de modo indireto ou implícito, visam o favorecimento da comunidade negra e o fortalecimento das lutas de combate ao racismo. A ação destes grupos e entidades é feita independente do seu reconhecimento pelo movimento negro. Entretanto, encontramos um leque muito grande de grupos e entidades negras, cuja ação está diretamente vinculada às lutas de combate ao racismo.

Uma problemática presente nas lutas sociais de caráter étnico-racial é a definição daquilo que, neste conjunto pertence ao movimento negro, enquanto um movimento social. Após apresentar algumas destas definições a cerca do movimento, retornaremos à questão das lutas implícitas e explícitas.

2.1 Definições e características do movimento negro



As tentativas de definições do movimento negro nem sempre contemplaram a todos os grupos que se autocompreendem com tal. Uma questão política está no subjacente das definições, que, ora acham por bem incluir tais e tais grupos e, em outros momentos tentam excluí-los.

Ao ouvir os participantes definindo o movimento, podemos perceber que existem as mais diversas compreensões. As definições mais comuns no movimento negro são: um processo organizatório de forças heterogêneas, aglutinadas em torno de demandas muito características. É o coletivo de indivíduos perdidos da história, desprovidos de sua lógica própria, sua identidade por afirmação, e que buscam realizá-la através da negação daquela identidade atual, determinada que está de fora para dentro; “é um grupo de entidades, que tem por objetivo buscar formas conjuntas de combater o racismo”. Ou ainda, “grupo que busca representar a comunidade negra diante da sociedade civil, e formular políticas públicas que obriguem a sociedade de modo geral a reconhecer e a respeitar a cidadania desse grupo étnico em todo seu aspecto, político, econômico, cultural e religioso” (José L.G. Souza) .

“O movimento negro é uma ação de mulheres e homens de boa vontade na tentativa de resgate da dignidade e cidadania do povo negro... e que colabora de forma eficiente para por fim nas práticas discriminatórias e racistas da sociedade” (Janete B. Nascimento). “Não existe um movimento, existem movimentos negros... estes são movimentos históricos de resistência dos negros contra a discriminação racial” (Juca Ribeiro) .

Uma última definição que apresentamos neste trabalho é a conclusão chegada no fórum de entidades negras, por ocasião da delimitação da presença dos delegados negros no Primeiro Encontro de Entidades Negras em novembro de 1991 em São Paulo. Lembramos que estes, por sua vez, definiram o que é “entidade negra”, deixando nas entrelinhas a compreensão de que o movimento negro seria o conjunto destas entidades. Entidade Negra é uma entidade de maioria negra, voltada para o combate ao racismo, e ou valorização das culturas de matizes africanas, e que não tenham vínculos com partidos ou governo (nenhuma outra estrutura de organização).

Esta definição apresenta problemas a serem debatidos. Num mesmo instante em que ela admite brancos no movimento ou na entidade negra, ela exclui as organizações negras que se dão a partir dos partidos políticos ou secretarias de governos.



Ao analisarmos as definições, algumas palavras-chave merecem destaque: a compreensão do movimento como um **processo**, como **organização**, de pessoas e grupos objetivando **resgatar a dignidade e cidadania**, tendo como pano de fundo ou objetivo primeiro **combater o racismo e formas de discriminações**, que historicamente tem negado a **identidade negra** criando uma invisibilidade de **representação** da comunidade negra na sociedade civil. Podemos constatar ainda a existência de um movimento negro um tanto idealizado pelos seus participantes, bem como um “movimento negro real” ou seja, mais concreto, pé no chão, com as suas contradições, concepções e problemas, como todos os movimentos e lutas sociais. Outra constatação é que a existência deste movimento está diretamente relacionada às condições de vida do negro no Brasil, que são um atentado à dignidade humana. O Brasil é um país de desigualdades sociais onde as condições dos negros são comparadas aos países mais pobres do mundo

2.2 Organizações de afirmação cultural que combatem implicitamente o racismo

Estas organizações se caracterizam por desenvolverem ações e atividades voltadas para o bem da comunidade negra. Todavia, combater o racismo não é seu objetivo primeiro. Encontramos neste seguimento os mais variados movimentos populares, que por lutar para a melhoria de vida das camadas desfavorecidas, através do processo de consciência crítica, beneficiam também o fortalecimento e a organização da comunidade negra para perceber as nuances da discriminação. A título de exemplificação citamos os grupos voltados para os direitos humanos. Existem ainda as organizações que, embora sendo de negros, lutam de forma indireta no combate ao racismo.

Para questão de análise, diferenciaremos no contexto do movimento negro as organizações de acordo com três enfoques: **cultural, religioso e político**. Sabemos o quanto é difícil fazer tal distinção. Pois o cultural, o político e o religioso são dimensões de uma mesma luta. Porém, se observamos as formas como cada organização aborda e encaminha suas lutas enquanto seguimento negro organizado, esta distinção poderá ajudar a compreendê-las. Os diferentes enfoques vão determinar o modo de organização e a área mais especificada de atuação, bem como o método de trabalho. Estas organizações e lutas têm um horizonte traçado, estratégias próprias e



metodológicas particularizadas na abordagem das questões que dizem respeito à vida da comunidade negra.

A ação destas organizações segundo seus enfoques específicos, não significa uma atuação exclusivamente cultural, religiosa ou política. Neste contexto, encontramos as organizações de caráter cultural como aquelas que atuam de modo **implícito** na árdua tarefa de combate ao racismo e a discriminação.

Voltamos a afirmar que quando enquadramos determinada organização num dos enfoques acima citados, não estamos querendo com isto negar outros aspectos das lutas empreendidas por tal grupo. Na abordagem a partir de um modo implícito de combater o racismo encontramos:

a) **Os grupos de capoeira**

Existem no país, inúmeros desses grupos que, preocupados com a preservação de uma das formas de resistência da comunidade negra na história, desenvolvem um verdadeiro processo educativo abrangendo crianças, jovens e adultos.

Alguns estão preocupados com a capoeira apenas como dança ou arte, mas a maioria reconhece nela uma herança cultural, a partir da qual se podem resgatar valores marginalizados da comunidade negra no processo de embranquecimento da sociedade brasileira. Homens e mulheres, jovens e adultos, em círculo compõem as rodas de capoeira. Estas, ao som de atabaques, berimbaus e pandeiros cadenciam ritmos e danças. Os atabaques, com os seus diferenciados toques comunicam os acontecimentos ou as formas dos participantes se comportarem nas rodas. São toques de ataque, toques de defesa, toques de retirada, toques de alegrias, festas, toques que comunicam a morte, toques de aproximação do inimigo, o que significa perigo rondando a comunidade.

A variedade de toques e a posição em círculo contagiam positivamente os participantes e os assistentes. A comunicação do Axé, energia vital se faz nestes momentos que acabam revelando uma certa mística e espiritualidade, digna de ser aprofundada no campo da teologia, por nós teólogos negros. A dança já não é mais apenas uma dança, os corpos se transformam em instrumentos de comunicação de uns com os outros, e por que não dizer com Deus. Segundo o autor Edison Carneiro, existe uma variedade de tipos de capoeira, sendo “Angola, São Bento, Jogo de Dentro e Jogo de Fora” os mais comuns no Brasil.



b) Os blocos afros

Outra realidade que tem marcado profundamente as lutas de negritude são os blocos Afros. Certamente, nos últimos anos, foi um dos tipos de organização que apresentou um significativo crescimento no país. O viés cultural é o caminho encontrado para abordar a situação da comunidade negra. A música, os ritmos e instrumentos garantem o agrupamento de pessoas de todas as idades. Aí, é feito todo um processo de assimilação dos objetivos de tal organização, bem como de valores culturais da comunidade negra. Os ambientes dos blocos Afros são contagiados pela alegria e pela festa. Ensaiam-se músicas que falam da realidade do negro, compõem-se outras, retratando a situação de racismo e a discriminação vividas no dia a dia e exaltam-se os heróis da história. Enfim, um jeito novo, entre tantos, de se falar da vida e das esperanças da comunidade negra. A proliferação destes blocos Afros tem sido um ganho no resgate e na valorização da cultura negra. Este trabalho tem demonstrado a necessidade de tirar a cultura negra do campo da folclorização, lugar relegado a essa cultura na história do Brasil.

c) O congado

O congado, num mesmo instante que pode ser compreendido como uma festa popular, é também um modo de organização negra de caráter cultural-religioso. Nele, os negros buscam, através da vivência da tradição cultural, reavivar a sua própria memória enquanto povo. Com base no folclore regional, o congado carrega consigo um forte vínculo com o elemento religioso. De acordo com a origem dos grupos, diferenciam-se algumas características definidoras do congado. Entretanto, enquanto festa popular religiosa, ou enquanto auto, o congado tem uma estrutura básica que permanece. Como elementos presentes na estrutura básica do congado encontraram:

1 - *A coroação de reis do Congo*: esta é uma forma simbólica dos negros escravos terem os seus reis. A princípio, este simbolismo era invenção do Estado e da Igreja com o objetivo de controlar os escravos. “era uma forma de manutenção aparente de uma organização social de negros, uma sobrevivência que se tornou em fundamentação mítica... os negros passavam a ver nos reis do Congo elementos intermediários para o trato com o sagrado



2 - *Embaixadas*: Trata-se de um “ritual” de demonstração de força entre os grupos, onde os embaixadores representavam a força guerreira do povo. Mediante um duelo verbal e gestos expressivos se fazia uma verdadeira guerra. Normalmente, os vencedores eram os grupos protegidos miticamente por Nossa Senhora do Rosário, ou dos santos pretos, São Benedito e Santa Efigênia.

3 - *Os Bailes Guerreiros*: É uma dança de comemoração das vitórias alcançadas. Dança-se por causa da divindade. É oferta, é agradecimento do povo àquele que o ajudou a vencer.

É constatado que nos dias atuais, muito se perdeu desta estrutura do congado, principalmente com o enfraquecimento das embaixadas, coisas que ficou na memória de uns poucos. Sofreu assim o congado um esvaziamento pela perda progressiva da fundamentação mítica.

Quando nos dedicamos a abordar o congado como organização, os Arturos é “um dos mais completos do Brasil, pela resistência cultural e religiosa do grupo. É uma comunidade que vivência no dia a dia toda a mística, o simbolismo e o significado de uma festividade negra. Os reis são presenças nas diferenciadas situações no cotidiano das pessoas da comunidade. Estão nos casamentos, aniversários, nas conversas de fins de semana, além é claro da indispensável presença nas festividades e cerimônias religiosas.

Existe um conflito histórico do Congado com o movimento negro. A raiz do conflito está no objetivo primeiro da organização, que tem o 13 de maio como motivo de comemoração, ao passo que o movimento negro o entende como oportunidade de protesto. Nos Arturos, por exemplo, pode se dizer que se trata da data maior no calendário cultural - religioso. É tempo de muita festa, muita reza, muita procissão, muita dança, enfim, muita espiritualidade negra. Aos olhos dos participantes do movimento negro, fica um questionamento: até que ponto este seguimento negro demonstra uma consciência de negritude?

Olhado de fora, este questionamento faz sentido. Quando se penetra no interior desta comunidade, perguntando pelo sentido que tem toda esta movimentação no que diz respeito à construção da dignidade, da cidadania e da vida da comunidade, torna-se um tanto relativo o questionamento levantado. Ao colocarmos os Arturos na perspectiva de lutas implícitas, talvez seja possível compreendê-los melhor. Assim, podemos afirmar que nem tudo o que significa melhoria de vida para a comunidade



negra está sob o “controle” do movimento negro, como pensam alguns setores. É difícil poder negar as contribuições que este modo de organizar tem trazido na reconstrução da história do povo negro no Brasil. A recriação simbólica da sociedade, feita pelo congado, tem significado força e esperança para a comunidade que dele participa.

Ainda encontramos outras realidades muito próximas ao congado. Tratam-se do Reisado e das Folias, manifestações culturais que em muito têm contribuído na veiculação de valores que dizem respeito à vida da comunidade negra.

d) O jongo

O jongo é um estilo de dança, geralmente organizado às noites, em volta de fogueiras, num espaço denominado terreiro. Diga-se de passagem, terreiro aqui tem a mesma conotação religiosa das religiões afro-brasileiras. Estamos analisando o Jongo dentre as organizações com enfoque cultural, porém este está profundamente marcado também por elementos religiosos. O início da dança se faz por intermédio de um ritual religioso ou uma louvação. A roda se abre com um “ponto de louvação”- um estilo de canto, tirado por um cantador

A ligação do Jongo com o elemento religioso tem suas explicações nos mitos e histórias da própria dança. Na oralidade, na memória dos jongueiros, estes mitos se tornam forças e expressões do dia a dia do Jongo. Conta um mito:

O Senhor e o Menino Deus andavam perseguidos pelo diabo. Fugiam apavorados quando encontram um grupo de negros dançando o jongo. A convite dos negros eles se esconderam no meio da roda e por arte dos feiticeiros a roda se fechou de tal modo que o diabo passou e não viu os fugitivos. O Senhor e o Menino Deus puderam assim prosseguir a viagem. Antes porém abençoaram o Jongo, dizendo que essa dança daí pra frente seria uma dança sagrada. (RIBEIRO, 1984, p. 114)

Uma vez fechado à louvação, ritual de abertura, o ambiente se modifica radicalmente. A seriedade inicial, algo ritual, cede lugar às festividades. As danças e alegria tomam conta dos participantes que se põem a cantar em resposta aos pontos tirados pelos cantadores. Num clima de muita descontração, a festa vai noite adentro.

Embora tenha sido o Jongo uma dança dos escravos no passado e uma dança predileta de negros na atualidade, nela participam pessoas brancas, mulatas e todos os que desejarem. No Jongo, dança quem quer e quem sabe. As épocas de grandes festas



como: Festas Juninas, Festas do Divino, Festas de Santa Cruz, 13 de Maio são as ocasiões onde podemos perceber com maior frequência o acontecimento destas danças. Cabe ainda destacar que os estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro são regiões onde o Jongo mais se destaca.

e) O maracatu e o maculelê

No contexto das manifestações culturais, destacamos ainda o Maracatu e o Maculelê, como duas formas de organizações em torno das quais os valores da negritude são passados pelo viés do lúdico. A vida se torna mais vida quando se encontra espaços para desabrochar a dimensão da festividade, algo bastante característico da comunidade negra. O primeiro objetivo destes grupos é dançar, mas pela dança, indiretamente, existem elementos de fortalecimento das lutas sociais, como por exemplo: a solidariedade, o elemento associativo, articulação, partilhas, estudo, etc.

f) O movimento musical negro

Um outro fenômeno relevante a marcar a vida da comunidade negra é a forma como membros desta comunidade têm se dedicado a questão musical. Cresceu de forma acentuada as organizações de bandas e grupos afros, samba e pagode, grupos de Reggae e Rappers. Talvez este seguimento seja um dos que menos necessitamos abordar, dado a grande influência que o mesmo tem desempenhado na sociedade brasileira através da música popular nos últimos anos. Afinal, a música, assim como o futebol, ainda são lugares, onde os negros são reconhecidos numa sociedade extremamente discriminatória como a nossa.

A década de oitenta e esta metade da década de noventa, foi marcada por uma verdadeira efervescência de todo um movimento musical baseado nos elementos da negritude, sobretudo no que diz respeito a valores culturais da comunidade negra e sua dignidade a ser reconquistada. Não queremos com esta afirmação, dizer que não existiu, antes deste período, músicas que trabalhassem a questão do negro. Estas porém, não estiveram dentro de um contexto de fomentação da negritude. O emergir de um número muito grande de grupos musicais negros, cujos nomes expressam este enfrontamento na questão racial se deu nos anos oitenta e noventa.



O crescimento da consciência negra foi de tal forma tomando conta dos “participantes” negros em seus grupos musicais, que seus cantos passaram a expressar a história, as lutas e os sonhos da comunidade negra. Saindo do específico constitutivo dos grupos musicais, encontramos um outro segmento abordando a questão negra. De modo diferente, o funk e o rap se tornaram um canal por onde se tem cantado os dramas vividos pela comunidade negra. Tornou-se comum desenvolver, poeticamente, temáticas abordando a vida e a situação da comunidade negra e comunicá-la através do canto e da dança.

2.3 Organizações que explicitamente combatem o racismo

Para uma maior compreensão, dividiremos as organizações que de modo explícito aparecem nas lutas de combate ao racismo em dois enfoques fundamentais: **enfoque religioso e enfoque político.**

Organizações de enfoque religioso

Atuando a partir de um enfoque mais religioso podemos destacar aquelas organizações, cuja fé funciona como elemento motivador das lutas sociais de caráter étnico-racial.

As lutas dos empobrecidos na América Latina têm favorecido muitos tipos de organizações específicas, em busca das identidades perdidas. As comunidades eclesiais de base merecem destaque como “chão fértil” de onde se gera inúmeros trabalhos que vêm contribuindo com a fomentação da identidade do povo negro, um povo já quase sem rosto na história do continente. Em muitas destas comunidades, o crescimento da consciência crítica de seus participantes, permitiu a tomada de consciência do problema racial enfrentado pelos negros no interior das comunidades, bem como na sociedade como um todo. Nestas comunidades, as questões raciais são levantadas e debatidas combinatoriamente.

Nos encontros comunitários que acontecem onde a comunidade se reúne para celebrar a sua fé e refletir a sua vida à luz da palavra de Deus, as questões que dizem respeito à dignidade das pessoas empobrecidas, as opressões do racismo e



discriminações, aparecem naturalmente e com muita frequência. Em muitas comunidades estas questões são chamadas “o fato da vida”.

No interior destas comunidades, as especificidades foram tomando vulto e se constituindo em efetivas organizações como juventude, favelados, sem teto, menores, mulheres, indígenas, negros etc. Cada um destes seguimentos tinha um objetivo maior específico, o que não significava uma “fuga “ das outras problemáticas trabalhadas nas comunidades.

O crescimento da consciência dos negros a respeito dos processos de exclusão, tanto na Igreja como em qualquer outro setor social, acabou fazendo com que estes descobrissem que existia um agravante chamado racismo e discriminação que piorava a situação dos negros no meio dos pobres.

Desencadeia-se a partir daí um processo de formação de grupos negros específicos no interior da Igreja em cada lugar onde se podia perceber a existência de práticas discriminatórias.

a) Padres, religiosos e seminaristas negros

A história da vida religiosa no Brasil está profundamente marcada por práticas de racismo, discriminação e exclusão do povo negro. Um grupo a ser destacado pela ação a partir do enfoque eclesial é dos padres, religiosos e seminaristas negros. A busca de constituição da identidade negra e a descoberta da negritude impulsionaram este setor na Igreja a se organizar, não apenas voltados para fora, mas, sobretudo, voltados para dentro da própria Igreja. Aí, reconhecendo as mais diferenciadas formas de racismo e discriminação, desenvolvendo todo um trabalho, objetivando uma revisão das práticas discriminatórias desenvolvidas, quase que de forma automática, na Igreja, passou a ser um desafio.

A grande alavanca de sustentação da organização deste “setor eclesial” esteve no seu início ligado à Comissão de Religiosos, Seminaristas e Padres Negros do Rio de Janeiro. A partir das iniciativas desta comissão houve uma grande movimentação de caráter nacional, onde se incentivava a organização dos religiosos e religiosas negros, e que fossem formando as comissões locais ou ingressando nos grupos que trabalhavam a identidade negra nos diversos cantos do país. Este trabalho conseguiu de um certo modo, contagiar, no sentido positivo da palavra, alguns bispos negros, dos poucos existentes na Igreja, que solidariamente engrossaram as fileiras dos



participantes negros dentro da hierarquia. Na compreensão deste grupo, a “estrutura da Igreja que há tanto tempo foi usada de forma a oprimir a comunidade negra, agora precisava ser colocada a serviço desta mesma comunidade. O grupo entendia como uma missão, enquanto membros da hierarquia da Igreja, lograr este objetivo.

A metodologia de encontros estaduais das comissões de religiosos negros ajudava crescer o interesse de muitos outros negros a entrarem no processo de reconstrução da sua identidade.

b) Formandos Negros

Com a organização dos padres negros, a questão acaba alcançando os formandos, que enfrentariam um problema a mais. Estes ao levantarem nas casas de formação a problemática do negro, passaram a serem vistos com “pessoas problemáticas”, que estariam vendo “coisas onde não existia”.

É interessante destacar este grupo devido ao modo pelo qual ele surgiu. A sua origem está no conflito enfrentado na formação por alguns jovens negros, homens e mulheres nos seminários e conventos. A pergunta chave se tratava de encontrar uma estratégia a fim de desenvolver o seu processo de negritude e escapar das expulsões das Congregações Religiosas, fossem elas masculinas ou femininas. Diga-se de passagem, naquela oportunidade alguns já haviam sido expulsos.

Aconteceu em 1988 um primeiro encontro destes formados em Petrópolis - Rio de Janeiro, onde participaram 17 formandos. No ano seguinte, dois ou três apenas ainda não haviam sido expulsos de suas congregações, sem contar que houve ameaças de algumas ordens religiosas aos formandos que solicitaram permissão para participar do encontro de 1988.

Com o passar dos anos os formandos negros foram tomando outros rumos e hoje são um grupo vinculado à Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB. Desta caminhada ficam algumas questões, por exemplo: pode-se considerar um avanço o fato dos formandos negros se encontrarem hoje ligados à CRB? Pode significar um recuo estratégico na luta de negritude, esta trajetória feita pelos formandos negros nestes anos? Ou ainda, os formandos negros perderam os rumos e objetivos enquanto tais? Foram cooptados pela formalidade eclesial? Certamente os objetivos propostos no primeiro encontro e a perspectiva “autônoma” de organização dos formandos negros parecem ter ficado pelo caminho



c) Teólogos Negros

Entre os diferenciados grupos que foram abordando as questões da negritude a partir do enfoque religioso, encontramos as teólogas e teólogos negros. Evidentemente, são grupos que têm contribuído enormemente na caminhada eclesial. Cabe destacar, entretanto, que estes nasceram num contexto de necessidade de encontrar formas de “enegrecer a teologia”. O processo de reflexão desenvolvido nos grupos negros apontava a Teologia de sustentação da caminhada eclesial como sendo carregada de preconceitos em relação à comunidade negra. A partir dos trabalhos de consciência negra na Igreja, parecia-nos ser possível vislumbrar o nascimento de uma nova forma de fazer teologia, o que poderia significar um verdadeiro “kairós”, ou seja, tempos novos de manifestações do Deus da Vida. Alguns sinais estavam acontecendo em meio à comunidade negra. Estavam despontando caminhos novos por onde se permitiria andar com os pés no chão da realidade da comunidade negra como possibilidades teológicas.

Em 1985 realiza-se na Baixada Fluminense, a Primeira Consulta sobre Cultura Negra e Teologia na América Latina. Nada acontece por acaso e esta consulta foi profundamente marcada pela ação do Espírito de Deus atuando em meio à comunidade negra. Com os elementos de hoje, podemos ler o grande significado da Primeira Consulta sobre Cultura Negra e Teologia na América Latina. Ela foi dom de Deus a uns poucos negros e negras que a partir destes foi colocado como serviço às comunidades negras. Um impulso teológico enegrecido passa a tomar lugar de profunda importância na vida de alguns agentes de pastorais negros.

Desencadeia a partir deste impulso um processo de reflexão teológica criativa que vai incidir na vida de agentes de pastorais que nunca entraram em uma universidade para cursar especificamente teologia. Neste momento da história percebe-se o surgimento de grupos de agentes de pastorais negros se organizando especificamente para refletir uma teologia a partir das experiências de Deus confrontada com a descoberta da negritude.

O Rio de Janeiro foi o estado onde se começou a experiência sistemática de reflexão teológica com os negros atuantes nas comunidades e grupos negros. O Programa Negritude e religião do ISER foi o elo que faltava para impulsionar este processo. O Programa convidou o teólogo Marcos Rodrigues da Silva para organizar



um tipo de curso no Rio. Através de alguns agentes de pastorais se formou um grupo ecumênico de Negros num total de 18 participantes. Este grupo se encontrava uma vez a cada dois meses nos finais de semana - sexta, sábado e domingo - por um período de um ano. A partir das experiências deste grupo inicial, outros grupos foram formados no Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Inicialmente se teve um cuidado especial no balanceamento do grupo quanto ao número homens e mulheres. Com o passar dos anos, a realidade foi mudando e atualmente, a composição dos grupos é eminentemente feminina. O trabalho de reflexão teológica foi se estendendo, e os estados - Bahia e São Paulo - também colocaram a teologia negra como programa de estudos a ser priorizado.

d) Agentes de Pastoral Negros

Esta foi, em toda a história do movimento negro organizado para lutar a partir de um enfoque religioso, a organização de maior relevância. Preocupados com a descoberta da negritude confrontada com a militância eclesial, nasce um novo ardor, um novo alento que vai impulsionar a dinâmica da ação de muitos agentes de pastorais, animadores de comunidades de base. O modo como se organizou, a força dos participantes, e o empenho pela causa negra, fizeram dos Agentes de Pastoral Negros a maior entidade negra do país da década de 80. Dando uma clara demonstração de que não estavam apenas voltados para dentro da Igreja, intensificou-se os trabalhos nos grupos de bases.

Atingiu o seu auge de 1988 com a tão falada Campanha da Fraternidade sobre o negro. Rapidamente se estruturou em quase todos os estados da federação. Positivamente ou até, negativamente para alguns setores mais reacionários, ecoou nos quatro cantos do Brasil o clamor de justiça da comunidade negra, sobretudo no interior da Igreja Católica. Esta organização será retomada mais adiante no próximo capítulo do nosso trabalho, porque dele se explicitou uma realidade nova para toda a Igreja no seu processo de evangelização contextualizado na América Latina, onde está em jogo a opção preferencial da Igreja pelos pobres.

e) Comunidade de axé - terreiros

É interessante diferenciar um pouco a ação deste seguimento, uma vez que ele é profundamente marcado pela resistência histórica da comunidade negra. O elemento



religioso do negro aqui sempre esteve muito presente como garantia de preservação da comunidade e da vida de um povo marginalizado. O que acontece a partir desta retomada do movimento negro, é a valorização destas comunidades enquanto tais.

Embora seja um tanto polêmico, entre os analistas sociais, a inclusão das Comunidades de Axé no compreendido movimento negro, não podemos desconsiderar que, no campo religioso, o modo com estas comunidades abordam as questões que dizem respeito à vida do povo negro tem merecido destaque. A participação e a vivência nestas comunidades, o contato religioso e cultural com as heranças negras, é de significado relevante nas lutas pela dignidade e cidadania da comunidade negra. Encontramos ainda nas comunidades de Axé uma prática de solidariedade, que em determinados momentos da história se fortalece na defesa dos direitos da comunidade negra enquanto tal. Inúmeras vezes pudemos presenciar investidas e ataques religiosos ou não, de uma sociedade carregada de preconceitos raciais contra os direitos de expressão da comunidade negra.

Achamos por bem realçar ainda, a busca destas Comunidades, em superar uma visão negativa passada pela sociedade a seu respeito. Aqui é de suma importância destacar o trabalho realizado em conjunto com o Programa de Negritude Brasileira onde se descobre que é possível ver a realidade social a partir de um olhar diferente e estruturar um processo de intervenção, passando por uma outra lógica, que envolve todo um sistema cultural. Este projeto acabou tendo como desdobramento uma atividade denominada - “A Voz do Povo do Santo” desenvolvido conjuntamente com a Fundação Museu da Imagem do Som do Rio de Janeiro.

f) Comunidade Negra Missionária

A comunidade negra missionária surgiu no ano de 1988 na Baixada Fluminense. Tratava-se de um grupo de pessoas negras que chegaram ao limite de uma discussão: como servir a causa da negritude de modo radical através da vida religiosa consagrada. Eram homens e mulheres que sentiam a necessidade de uma dedicação maior ao serviço do Reino de Deus a partir da causa específica: a negritude. Estas pessoas já eram participantes assíduos dos Agentes de Pastoral Negros.

Em determinados momentos da caminhada, os espaços das congregações religiosas se tornaram muito estreitos, criando enormes empecilhos para a autorrealização dos negros e negras. Fazia-se necessário recriar um novo espaço onde,



além de garantir o desabrochar da negritude, permitisse estar de “corpo e alma” envolvido com a vida e com as lutas da comunidade negra. Este espaço novo era caracterizado pela vida comunitária, o serviço ao Reino e à Igreja dos pobres através da causa negra, a autossustentação, a vivência da fé a partir das descobertas de negritude. A constituição da comunidade negra acabou despertando interesse e esperança para outros jovens negros no vivenciar de sua fé no contexto da negritude. Esta comunidade passou a significar também espaço para outras pessoas negras que faziam um constante movimento de ir e vir, resultando num mútuo enriquecimento e fortalecimento da causa negra. Anos depois nasceram outras duas comunidades semelhantes ou comunidades irmãs.

Organizações com enfoque político

Ao analisar pormenorizadamente as organizações com enfoque político, poderemos perceber que, também nestas, estão presentes aspectos culturais e religiosos. Entretanto, a relevância de suas intervenções está no “trato político” das questões raciais.

a) Instituto de Pesquisa e Cultura Negra - IPCN

O movimento negro abordado a partir do seu enfoque mais político, na sua retomada nos anos setenta, apresenta o Instituto de Pesquisa e Cultura Negra como uma espécie de “entidade mãe”. Nos anos setenta o regime militar, proibia e dificultava a organização dos movimentos sociais, além de perseguir os movimentos já existentes.

Nesta conjuntura política, duas vertentes foram de fundamental importância no “acobertamento” necessário para a organização das aspirações sociais. De um certo modo muitas instituições nasceram sob as “asas” da Igreja, instância menos visada nas ações do governo militar. Por outro lado, nasceram ocultadas nas temáticas da pesquisa e cultura. Nesta segunda vertente se encontra o IPCN, uma organização que surgia para resgatar os valores afro-brasileiros, possibilitar a organização dos negros com o claro objetivo de combater o racismo e questionar a situação dos negros como cidadãos de segunda classe a que foram relegados. Além disto, lutar contra a colonização cultural que os tem envolvido.



Segundo o historiador Joel Rufino dos Santos, o IPCN foi profundamente marcado pelo dilema “ação cultural versus ação político-ideológica”, o que acabou resultando em duas grandes linhas de ação: a linha “culturalista” e a linha “político-ideológica”. O motivo da divisão em duas linhas era a alegação, por parte dos adeptos “político-ideológicos”, de que os “culturalistas” não são movimento negro. Mais tarde encontramos em Paulo Roberto dos Santos, ao fazer uma classificação do movimento negro, uma tese de inclusão da linha culturalista ao movimento, o que havia sido no IPNC, motivo de fragmentação e divisão. Segundo o autor, o único bloco que se pode juntar ao bloco político na composição do movimento negro é o cultural. Com isto, conseqüentemente, os demais blocos estão excluídos. É importante destacar que a questão da pertença, inclusão e exclusão no movimento negro tem sido um dilema ao longo de sua existência. Este dilema em si mesmo já é uma questão política.

A compreensão de Joel Rufino dos Santos parece bastante sensata e compatível de ser seguida nesta abordagem que aqui fazemos. Esta divisão em duas linhas resultou no surgimento do Movimento Negro Unificado - MNU, Mulheres Negras Maria Filipa e Grupo Nzinga, pelo lado do político-ideológico; e do grupo André Rebouças. Grêmio Recreativo Escola de Samba Quilombo e Acorda Crioulo pela vertente do cultural.

A história do IPCN, ao longo de sua existência, tem sido marcada pelos conflitos políticos e ideológicos, entretanto, no contexto de movimento negro é uma referência nacional que não podemos negar.

b) Movimento Negro Unificado - MNU

O Movimento Negro Unificado é fruto da linha político-ideológica do IPCN. Enquanto o IPCN nasceu no Rio de Janeiro e fez deste estado o seu lugar de ação e intervenção, o MNU nasce para ser uma entidade, de caráter nacional. Os objetivos, bem como as suas estratégias como entidade são expressos no seu manifesto lançado em São Paulo.

Nós, entidades Negras, reunidas no Centro de Cultura e Arte Negra no dia 18 de junho, resolvemos criar um movimento no sentido de defender a Comunidade afro-brasileira contra a secular exploração racial e desrespeito humano a que a comunidade é submetida.

Não podemos mais calar. A discriminação racial é um fato marcante na sociedade brasileira, que barra o desenvolvimento da Comunidade afro-brasileira, destrói a alma do homem negro e a sua capacidade de realização como ser humano.



O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial foi criado para que os direitos dos negros sejam respeitados. Como primeira atividade este movimento realizará um Ato Público contra o Racismo, no dia 7 de julho às 18:30 horas no Viaduto do Chá. Seu objetivo será protestar contra os últimos acontecimentos discriminatórios contra negros, amplamente divulgados pela imprensa.

No dia 28 de abril, numa delegacia de Guaianazes, mais um negro foi morto por causa das torturas policiais. Este negro era Robson Silveira da Luz, trabalhador, casado e pai de filhos. No Clube de Regatas Tietê, quatro garotos foram barrados do time infantil de voleibol pelo fato de serem negros. O diretor do Clube deu entrevistas, nas quais afirma as suas atitudes racistas, tal a confiança de que não será punido por seu ato.

Nós também sabemos que os processos desses casos não dão em nada. Como todos os outros casos de discriminação racial, serão apenas mais dois processos abafados e arquivados pelas autoridades deste país, embora um dos casos tenha agravante de tortura e conseqüente morte de um cidadão.

Mas o Ato Público contra o Racismo marcará fundo nosso repúdio, e convidamos a todos os setores democráticos que lutam contra o desrespeito e as injustiças aos direitos humanos engrossarem fileiras com a Comunidade Afro-brasileira nesse ato contra o racismo.

Fazemos um convite especial a todas as entidades negras do país a ampliarem nosso movimento. As entidades negras devem desempenhar o seu papel histórico em defesa da Comunidade afro-brasileira: e, lembramos quem silencia consente.

Não podemos aceitar as condições em que vive o homem negro, sendo discriminado na vida social do país, vivendo no desemprego, subemprego e nas favelas. Não podemos mais consentir que o negro sofra as perseguições constantes da polícia, sem dar uma resposta. **TODOS AO ATO PÚBLICO CONTRA O RACISMO. CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL. CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL. CONTRA A OPRESSÃO POLICIAL. PELO FORTALECIMENTO E UNIÃO DAS ENTIDADES AFRO-BRASILEIRAS.**

Uma característica importante no MNU é a sua forma de organização. É uma entidade que se estruturou a nível nacional e tem investido muitos esforços na formação política de seus quadros. Temos hoje no quadro da política estadual em algumas regiões do país, vereadores e até deputados estaduais, cujo ingresso na política partidária é fruto da ação desenvolvida pela entidade.

Não podemos negar, entretanto, que a pretensão de unificação do Movimento Negro, conforme sugere o próprio nome da entidade, ficou pelo caminho ao longo de sua trajetória. Isto não chega a ser um demérito do MNU, uma vez que não existe no Movimento Negro uma central única de organização e mobilização. O FÓRUM de entidades negras tentou assumir este papel, porém só teve êxito na preparação do I Encontro de Entidades Negras em 1991, perdendo em seguida sua capacidade de



órgão articulados, quando não, carecendo de “vontade política” na árdua tarefa de articulação.

c) Grupo de União e Consciência Negra - GRUCON

O grupo de União e Consciência Negra tem a sua origem no ano de 1981. O surgimento deste grupo está relacionado com a necessidade de trabalhar o processo de conscientização da sociedade Brasileira para a situação de discriminação e desvalorização da comunidade negra. Segundo o estatuto social, o GRUCON é “uma sociedade civil com personalidade jurídica, de caráter ecumênico e cultural, sem fins lucrativos, de duração ilimitada...”. Esta entidade, segundo compreensão do próprio estatuto, tem por finalidade “promover cursos, encontros, debates, seminários e pesquisas sobre a realidade de ser negro no Brasil”. Sistematizar e avaliar as experiências sociais do Grupo de União e Consciência Negra, nas diferentes regiões do País. Elaborar e propor métodos para o trabalho de base dos Grupos de União e Consciência Negra.

Como podemos perceber, trata-se de uma entidade profundamente voltada para a organização de caráter popular ou de base, bem como preocupada em encontrar meios e formas para implementar um processo formativo de consciência negra na sociedade brasileira. Com isso, inúmeros núcleos foram nascendo, nos mais diversos Estados da Federação, principalmente nas zonas periféricas das grandes cidades, o que acabou constituindo “de fato” Uma entidade de caráter nacional.

Também no Grupo de União e Consciência Negra veio acontecer uma divisão baseada em questões ideológicas e políticas. Havia neste grupo pessoas “mais ligadas à Igreja”, e que depositavam uma grande importância nas questões relativas à fé, no trabalho da conscientização para a negritude. Por outro lado, alguns membros do grupo não viam com bons olhos esta ligação afetiva e efetiva com a Igreja, devido a posição da Igreja em relação ao negro na história do Brasil. Instaura-se um conflito, que mais tarde vai ser a origem dos Agentes de Pastoral Negros.

d) GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra

Geledés é uma outra entidade fundada em 1988 em São Paulo, a partir da constatação de que a temática específica da mulher negra, não era suficientemente contemplada pelo movimento feminista e nem pelo movimento negro, segundo



palavras de uma das fundadoras da entidade. É uma organização que nasce profundamente marcada pelo seu caráter político. A terminologia - Geledés - já é em si uma reconstituição do significado político na atualidade, daquilo que a palavra designava na história - confrarias de mulheres, congregações religiosas secretas, associadas ao culto de poderosa as divindades femininas e dirigidas por sacerdotisas -. Nestas associações não era proibida a participação dos homens, porém, estes, nunca poderiam ocupar cargos de direção.

Um outro elemento que merece destaque nesta entidade é o trabalho desenvolvido no serviço SOS - RACISMO, que oferece gratuitamente assessoria jurídica às vítimas de discriminação racial. Conta ainda, com um trabalho de música com os grupos Rapares, através do qual se dá um processo de conscientização sobre a violência racial, abordando ainda temáticas como drogas e AIDS. Finalmente oferece cursos de capacitação política, capacitação musical, das bandas, formação profissional, na área de informática e oficinas de saúde e sexualidade.

e) Secretarias Negras dos Partidos

Na abordagem das entidades que atuam a partir do enfoque político, creio que não seria justo deixar fora as secretarias de partidos políticos. Existem controvérsias quanto a sua pertença ao movimento negro, entretanto elas estão aí e se autocompreendem com tal. Umam conseguem somar nas lutas de negritude pela cidadania e identidade. Outras não passam de “braços arregimentadores” de votos nos períodos eleitorais. Uma verdade, entretanto, necessita ser dita. Elas ainda são coisas dos negros dos partidos e não do partido como um todo. Não podia ser diferente. A temática negra não faz parte ainda do universo político dos partidos no Brasil.

f) Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras - SEDEPRON

Esta Secretaria merece destaque pelo fato de ser a primeira a existir no Brasil como órgão do Estado. Foi criada no Rio de Janeiro no último governo Brizola. Pautou suas ações, sobretudo, no campo da educação, visando influenciar no conteúdo veiculado nas escolas. A Secretaria intensificou seu trabalho junto à Polícia Militar no sentido de formar seus quadros que atuam em meio à população negra e em muitos



casos de forma preconceituosa, fazendo desta comunidade a principal vítima da violência.

Todas estas organizações, tanto as de caráter mais cultural, religioso como as políticas, em determinados momentos da história e das lutas da comunidade negra visando a conquista de seus direitos, identidade e cidadania têm dado, a seu modo, a sua contribuição. O problema do racismo é tão complexo na sociedade brasileira, que todas as modalidades de lutas possíveis para combatê-lo, merecem ser valorizadas, incentivadas e quando possível articulada.

É perceptível, ao analisar os objetivos propostos por cada grupo organizado, que muitas questões - identidade, cidadania, valorização da história, educação, formação política, etc. - são preocupações presentes no cotidiano dos seus participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que as questões relativas à identidade, direitos e a cidadania perpassaram todos os cursos e encontros de formação. O movimento negro de um modo geral encontrava nestas três palavras o horizonte de suas lutas de combate ao racismo. A questão não era combater o racismo por simples gosto, mas para se construir a identidade negra, bem como recuperar os direitos e a cidadania também para a comunidade negra. A afirmação da identidade negra é o restabelecimento da estrutura psicológica do negro, elemento indispensável para ser de fato um cidadão. A afirmação desta identidade passa pela valorização da história, da cultura, da religião, do modo de se organizar e do modo de viver. Do reconhecimento deste conjunto de elementos virá a garantia da reconstrução da dignidade e da cidadania para a comunidade negra.

As lutas de reconstrução da dignidade foram evidenciando que esta soava diferenciadamente para grupos distintos entre os empobrecidos e oprimidos. Do mesmo modo que colocar como ponto de partida a questão racial, as mulheres fizeram a descoberta que não bastava focar a questão negra simplesmente. Existia uma outra questão que necessitava ser trabalhada. Tratava-se da questão da relação de gênero. O gênero masculino exerce, mesmo no contexto das lutas libertárias, um domínio ou uma opressão sobre o gênero feminino.



Esta questão colocou um desafio a mais para todos através da intervenção das mulheres negras no movimento. Um trabalho metucioso vem sendo desenvolvido visando o resgate dos valores e das contribuições das mulheres negras ao longo da história e das lutas de resistência do povo negro. Outro destaque é a reivindicação justa que fazem as mulheres, para que se perceba, respeite e valorize a sua presença em maioria, nos setores organizados dos movimentos sociais que lutam pela vida em meio aos empobrecidos.

Do mesmo modo que a questão da mulher negra ganhou relevância nos temas tratados no movimento, não passou despercebida a problemática da criança negra. Esta questão, que no Brasil, tem precedentes históricos com a lei do ventre livre, perpetuou nos séculos até nossos dias, expondo aos olhos do mundo uma dolorosa realidade de crianças abandonadas. As crianças negras constituem a maioria absoluta das crianças de rua, que perambulam dia e noite, de mãos estendidas, mendigando a caridade dos “cidadãos” da nossa sociedade. Ademais, a realidade da criança negra foi trabalhada também nas escolas e livros escolares, onde a imagem veiculada sobre o negro é um desestímulo a qualquer negro a permanecer na escola.

O encontro entre os negros em processo de conscientização de sua negritude os remeteram em cheio para a realidade e riqueza da cultura negra. O descobrimento de que os negros são herdeiros de uma cultura que em muito tem contribuído na formação da cultura nacional, criou um orgulho positivo nos participantes negros. Estes por sua vez passaram a organizar inúmeras formas de resgatar esta cultura, valorizar e pôr em prática, ou melhor, explicitar esta cultura no cenário nacional.

Estas questões por nós destacadas mereceram tratamentos diferenciados, de acordo com os grupos que as abordavam. É importante perceber o quanto o acento nos enfoques, por nós abordados - mais cultural, mais religioso, mais político - definiram as motivações dos grupos na eleição das questões. Embora algumas destas questões fossem trabalhadas por quase todos os grupos, outras ganharam maior destaque de acordo com as necessidades particularizadas.

Um dos problemas mais comuns percebidos do movimento negro no Brasil, nos últimos anos, é a desarticulação. As décadas de setenta e oitenta, talvez tenham sido o tempo em que o movimento negro tenha estado mais organizado em nível de existência de grupos e organizações negras. No entanto, o fato de existirem organizações, não garantiu uma articulação entre estes grupos e muito menos entre as



ações desenvolvidas pelos mesmos. Esta desarticulação tornou o movimento um tanto frágil e em muitos casos dificultou a mobilização para grandes questões em âmbito nacional.

A pouca *clareza política* do movimento, na condução do processo das lutas raciais no País, parece ter sido um dos fatores responsáveis por esta desarticulação. Muitos grupos se organizam a partir do seu mundo e suas questões e pensam que não têm nada a ver com o que acontece com os outros, ou na sociedade mais ampla.

Outra questão é a própria dificuldade das organizações articularem para dentro de si os aspectos cultural, religioso e político das lutas. Isto fez com que em muitas oportunidades, o acento dado a determinado enfoque acabou formando um tipo de gueto negro, isolando-se das discussões mais amplas do movimento. Os conflitos de interesses políticos e ou ideológicos têm contribuído significativamente neste processo de desarticulação. O fato do grupo X lidar com cultura faz com que não seja possível juntar com Y que trabalha a questão política. Ou ainda, o fato de tal segmento trabalhar com a Igreja faz com que ele automaticamente esteja excluído do movimento.

Esforços e tentativas de articulação até que não faltaram, entretanto os êxitos alcançados foram quase que insignificantes a nível nacional. Em decorrência desta realidade de fragmentação, o movimento tem pouca força política. Encontramos entidades negras com admirável capacidade de articulação interna, ou seja, para dentro de si, porém na relação com o conjunto do movimento negro deixa muito a desejar. Exemplificando: Existem entidades do movimento negro de caráter nacional, organizadas nos vários estados da federação. Lembramos aqui os Agentes de Pastoral Negros, Movimento Negro Unificado, Grupo de União e Consciência Negra. Os primeiros, em nível de organização e articulação interna são, sem sombra de dúvidas, aquilo que de maior relevância tem surgido nos últimos anos no movimento negro.

Já o Movimento Negro Unificado, embora tenha nascido para ser uma entidade nacional articulada das lutas de combate ao racismo, conforme o próprio nome sugere, acabou sendo na realidade uma outra entidade como tantas outras. Passando pelas mesmas dificuldades, encontramos o Grupo de União e Consciência Negra. Este também muito bem organizado a nível nacional, mas sem maior repercussão na caminhada mais ampla do movimento. Bem, se as entidades que são de caráter nacional se encontram com outras dificuldades de relação e contribuição



com a articulação de todo do movimento, o que dizer das centenas de outras que têm o caráter estadual, regional ou local?

Acrescenta-se como elemento complicador no processo de articulação as gigantescas dimensões geográficas do país, a escassez de recursos financeiros e humanos para cumprir a risco tal tarefa e as divergências ideológicas e políticas presentes no movimento. Essas dificuldades, porém, não são motivos suficientes para impedir que o movimento pudesse trabalhar articuladamente alguns poucos momentos fortes da caminhada do povo negro na vida nacional.

Neste sentido merece destaque os momentos preparatórios do Primeiro Encontro Nacional de Entidades Negras em 1991. Porém a tentativa de continuar, nos Estados, os fóruns regionais das entidades, depois do encontro, não teve êxito.

Quisemos demonstrar aqui que a retomada e o crescimento dos movimentos sociais a partir da década de 70, desempenhou papel importante no processo de reconstrução da dignidade e da cidadania dos desfavorecidos na sociedade brasileira. Entretanto, no bojo destes movimentos, em determinados momentos históricos, as especificidade foram aflorando, como consequência do crescimento do nível de consciência crítica de seus participantes.

Graças a este processo de consciência, foi possível identificar que uma parcela significativa da população empobrecida vivia um drama que estava para além do fato de ser pobre. A comunidade negra não apenas eram os pobres mais pobres, mas era vítima de uma realidade de racismo e discriminação. Esta descoberta colocou aos participantes negros nos movimentos sociais, a necessidade de dar um passo adiante e se organizar com o intuito de criar formas de combater o racismo e a discriminação, razões de muitas desigualdades sociais entre os empobrecidos.

A partir daí foi possível identificar a face negra dos movimentos sociais, suas formas de lutas e organizações, os enfoques privilegiados em cada tipo de organização, as questões com as quais o movimento tem se ocupado nos últimos anos e seus esforços em levar adiante um trabalho de forma articulada.

Podemos concluir ainda que a realidade da comunidade negra é muito complexa, e que por isto a variedade de formas e espaços de lutas se, articuladas, podem significar uma enorme riqueza para o movimento social e ganhos relevantes para a comunidade.



Constatamos ainda que a cidadania a ser reconstruída, necessita de toda esta diversidade de elementos que perpassam o campo da religião, da política e da cultura. Ora, o reconhecimento desta realidade plural, por um lado faz com que os grupos tendam a ser mais “tolerantes” com certas limitações do que determinados setores organizados do movimento apresentam; por outro desafia uma ação mais qualificada na perspectiva de integrar as contribuições diversas de cada grupo.

Até o presente momento da caminhada podemos perceber que a solidariedade, como elemento de costura das lutas do movimento negro ainda é um desafio a ser enfrentado, tanto no que diz respeito a sua organização interna como na relação com as demais facetas do movimento social. O problema do racismo ainda é focado como sendo um problema do negro e não de uma sociedade que se organizou e se estruturou de modo a fomentar as discriminações raciais. A constatação de uma “fraqueza política generalizada” do movimento é preocupante, ainda que não chega a ser motivo de desânimo na luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABONG - A Nova Conjuntura e a luta pela cidadania. In *Jornal da ABONG*, n. 10, Rio de Janeiro: ABONG, 1995.

BARBOSA, Wilson do Nascimento; SANTOS, Joel Rufino dos. *Atrás do Muro da Noite: dinâmica das Culturas Afro-Brasileiras*. Brasília: Fundação Cultural Palmares e Ministério da Cultura, 1994.

BARCELOS, Luis Carlos. Educação: um quadro de desigualdades raciais. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 23, Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1992.

BASTIDE, Roger. *Américas Negras*. São Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo, 1974.

BATISTA, Marta Aimée Rangel; GALVÃO, Olívia Maria Rodrigues. Desigualdades Raciais no Mercado de Trabalho Brasileiro. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 23, Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiático. 1992.

CAMACHO, Daniel. Movimentos Sociais: algumas discussões conceituais. In: WARREM, Ilse Scherer; KRISCHKE, Paulo J. (org.) *Uma Revolução no Cotidiano? Os Novos Movimentos Sociais na América do Sul*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARDOSO, Hamilton B. Limites do Encontro Racial e Aspectos da Experiência Negra no Brasil. In: SADER, Emir (org.) *Movimentos Sociais na Transição Democrática*. São Paulo: Editora Cortez, 1987.



CARNEIRO, Edilson. Capoeira. *Cadernos de Folclore*, número 1, Rio de Janeiro: FUNARTE, 2ª edição, 1977.

CRUZ Rafael de La. Os Novos Movimentos Sociais encontros e desencontros com a democracia. In: WARREM, Ilse Scherer; KRISCHKE, Paulo J. (org.) *Uma Revolução no Cotidiano?* Os Novos Movimentos Sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classe*. Volume 2. 3ª edição, Ática, São Paulo, 1978.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos Sociais e Luta Pela Moradia*. Loyola: S. Paulo, 1991.

FRAGOSO, Frei Hugo. *Uma dívida para com os negros no Brasil*, em Revista de Cultura Vozes, Petrópolis: 1988.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida em Negras Raízes Mineira. *Os Arturos*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 1988.

HASENBALG, Carlos A. O Negro nas Vésperas do Centenário. *Estudos Afro-Asiáticos*. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, 1987.

JACOBI, Pedro R. *Movimentos Sociais Urbanos Numa Época de Transição Democrática*. Cortez Editora: São Paulo, 1987.

KÄRNER, Hartmut. Movimentos Sociais: Revolução no Cotidiano. In: WARREM, Ilse Scherer; KRISCHKE, Paulo J. (org.) *Uma Revolução no Cotidiano?* Os Novos Movimentos Sociais na América do Sul. Brasiliense: São Paulo, 1987.

JACOBI, Pedro Roberto. Movimentos sociais - teoria e prática em questão. In: WARREM, Ilse Scherer; KRISCHKE, Paulo J. (org.) *Uma Revolução no Cotidiano?* Os Novos Movimentos Sociais na América do Sul. Brasiliense: São Paulo, 1987.

LESBAUPIN, Ivo. Crise e Novas Expressões dos Movimentos Populares e Sindical. *Perspectiva Teológica*, n. 27, 1995.

MNU - Movimento Negro Unificado. 1978 – 1988: 10 anos de luta contra o racismo. Editora Parma, Salvador, 1988.

MUNARI, João. *Posicionamento político dos APNs dentro do movimento negro e na sociedade hoje*. Rio de Janeiro, 1992. (texto preparado para trabalho de formação com os APNs do Sudeste)

REB, *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 46, Petrópolis, Vozes, 1987.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges, descrevendo sobre o Jongo em Cadernos de Folclore número 34, FUNARTE, 1984.

ROCHA, José Geraldo da. *Negro: um Clamor de Justiça*. Dissertação de Mestrado em Teologia, PUC - Rio, 1993.

SANTOS, Joel Rufino dos. IPCN e Cacique de Ramos. *Comunicações do ISER*, ano 7, n. 28, Rio de Janeiro, ISER, 1988.

SANTOS, Paulo Roberto dos. Instituições Afro-brasileiras, a prática de uma contemporaneidade. *Centro de Estudos Afro-Asiáticos*, RJ. 1984

SILVA, Maria Auxiliadora Gonçalves da. *Encontros e desencontros de um movimento negro*. Brasília, Ministério da Cultura e Fundação Cultural Palmares, 1994.

Recebido em novembro de 2013
Aprovado em janeiro de 2014